

PRIMEIROS ECOS DO MARXISMO NA AMÉRICA LATINA: ESCORÇO DE ALGUNS CASOS E PERSONAGENS

Galileu do Amaral Fidelis¹

Falar em marxismo, nos limiares do século XXI, após o refluxo do socialismo real, como decorrência dos acontecimentos do início da presente década, que conduziram ao fim da União Soviética e à queda do muro de Berlim, pode parecer exercício de arqueologia, a despeito da inequívoca contribuição de Marx para o pensamento social moderno, principalmente na Economia, na Política e na Sociologia. Nosso objetivo, entretanto, não é discutir a caducidade ou atualidade das idéias de Karl Marx, cento e quatorze anos após a sua morte; a pretensão é de fazer um breve excursão sobre como, no final do século passado e início do atual, o marxismo começou a penetrar em alguns países latino-americanos e sobre alguns de seus precursores.

Até o final do século passado, o marxismo era praticamente desconhecido na América Latina. Poucas traduções das obras de Marx e Engels existiam em espanhol. Em português, até a década de 30 deste século, havia apenas uma tradução resumida de *O Capital*, de edição portuguesa. No Brasil, *O Manifesto Comunista de 1848* só foi editado em 1924, dois anos após a fundação do PCB!

A escassez de textos e a dificuldade de compreensão daqueles que existiam, levou a interpretações tão diversas, por vezes estapafúrdias, impregnadas pelo anarquismo e tendências reformistas, que o próprio Marx teria dificuldades de encontrar, à exceção de alguns critérios básicos, traços de suas idéias nos seus mais eminentes seguidores da época. Procurava -se vencer a dificuldade interpretativa com o recurso da citação. O resultado era uma transposição, quase que pura e simples, do modelo europeu da luta de classes para uma realidade onde praticamente não havia operariado industrial.

¹ Professor Titular de Sociologia da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (FACECA/PUC-Campinas) e das Faculdades Campos Salles de São Paulo.

No entanto, alguns caminhos promissores foram surgindo, ainda que de maneira desigual.

Na Argentina, o marxismo foi introduzido por um alemão, GERMAN Avé Lallemand, que fundou o primeiro jornal marxista publicado na América Latina, em 1890: *El Obrero*. Foi ele que organizou o primeiro desfile comemorativo ao 1º de maio realizado em um país latino-americano, no qual participaram mais de 2000 trabalhadores, reivindicando jornada de 8 horas, proibição do trabalho a menores de 14 anos e descanso aos domingos.

Lallemand enfrentou grandes dificuldades na sua faina de difundir as idéias de Marx. Os operários, compostos na sua maioria por imigrantes espanhóis e italianos e por argentinos de origem, eram majoritariamente analfabetos, influenciados pelo anarquismo e hostis ao socialismo. Por outro lado, a pequena burguesia oscilava entre o anarquismo e o reformismo.

Lallemand fez análises pioneiras, utilizando instrumental marxista, sobre a luta de classes e os caudilhos na América Latina. Atribuía, porém, um caráter civilizador à expansão do capitalismo europeu e norte-americano sobre os países não-capitalistas; negligenciava as questões nacionais e o caráter imperialista que o capitalismo dos grandes centros estava assumindo. Suas críticas ao capitalismo ficaram no plano da sua negação como sistema, não percebendo ele a combinação, cada vez mais freqüente, do capitalismo com o semicapitalismo, do imperialismo com o caudilhismo e a necessidade de uma luta antioligárquica e antiimperialista. No *El Obrero*, dizia que o proletariado, como classe, devia lutar pelo fim do caudilhismo que seria substituído pelo regime burguês que traria progresso, não por ser intrinsecamente progressista, mas porque aproximava a sociedade do socialismo. Ele e seus companheiros consideravam que a sociedade capitalista era um avanço na luta de classes, o que os afastou das lutas do campo e de libertação nacional contra a oligarquia associada ao imperialismo.

Os marxistas argentinos do final do século XIX combateram o apoliticismo e o imediatismo revolucionário dos anarquistas, mas nun-

ca chegaram a colocar a fundo as contradições da sociedade burguesa, o que levou ao fortalecimento das posições reformistas. O operariado argentino, de origem artesanal, camponesa e da imigração europeia, foi presa fácil da dominação burguesa e as lideranças socialistas partiram para um nacionalismo distante de uma análise classista e de um projeto socialista.

No Perú, o grande nome do marxismo foi José Carlos Mariátegui (1894-1930). Um acidente o incapacitou na infância, fazendo com que deixasse os bancos escolares, tornando-se autodidata. Aos quinze anos foi trabalhar no jornal *La Prensa* e aos dezoito anos passou a fazer parte de seu corpo de redatores. Sua vivência como jornalista permitiu-lhe entrar em contato com as idéias marxistas que viria a propagar e desenvolver de uma maneira bastante diferente do que se fazia na época. Foi influenciado pelos acontecimentos do México - a revolução camponesa de 1910 a 1917 -, mas foi a Revolução Russa de 1917 que o colocou no caminho do socialismo marxista. Deixou de lado a literatura descompromissada e partiu para o desenvolvimento do pensamento político. Em 1919, em virtude de um editorial do jornal *La Razón*, de sua autoria, teve que abandonar o país com uma bolsa para prestar serviços na Europa.

Na Itália, Mariátegui assistiu, em 1921, como correspondente estrangeiro, o XVII Congresso do Partido Socialista Italiano, em Livorno, quando o grupo de Gramsci, por desacordo com a maioria, saiu para fundar o Partido Comunista Italiano. A influência gramsciana é decisiva na formação marxista de Mariátegui; é a partir daí que ocorre a incorporação da realidade nacional ao marxismo, que, para ele, é uma teoria viva, que permite conhecer e recriar uma realidade concreta levando a um caminho revolucionário. Procurou, então, conhecer as condições do êxito da revolução na Rússia e de seu fracasso na Europa e concentrar-se nas maneiras de montar um projeto revolucionário para o Perú.

Mariátegui retornou ao Perú em 1923 e começou as investigações que levariam, alguns anos depois, à publicação de sua obra principal, *Os sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. O propósito explícito foi contribuir para a criação do socialismo peruano; teve, portanto,

uma finalidade não acadêmica e sim política, uma vez que objetivava realizar, sob uma visão socialista, a crítica histórica da realidade Peruana.

Nos "Sete Ensaios...", Mariátegui procurou aplicar a dialética marxista para esclarecer os problemas centrais relativos ao conceito de formação econômico-social e construiu uma visão totalizadora do processo histórico peruano, resgatando os elementos centrais para definir a realidade contemporânea de seu país. "Como totalidade, as diferentes instâncias da sociedade estão articuladas, a economia determina a política e a ideologia, porém estas, por sua vez, sobredeterminam a economia, cumprindo papel ativo no processo histórico. As classes sociais, por exemplo, não têm apenas uma existência econômica, mas também política e ideológica...no caso peruano, as origens aristocrática e feudal da classe que assumiu na economia o papel de classe burguesa determina a ausência nela de uma visão do mundo e de um projeto político burguês, o que atrasa o processo de generalização das relações de produção capitalistas". (Escárzaga,65).

A preocupação de Mariátegui, como pensador marxista foi entender o processo histórico peruano e formular uma estratégia para uma revolução socialista no seu país, respeitando a sua especificidade.

A posição de Mariátegui o levou a sofrer perseguições dos elementos conservadores e à sua execração pelos comunistas de então, uma vez que suas idéias entravam em confronto com o modelo defendido pela Internacional Comunista.

Em Cuba, curiosamente, o pensamento marxista teve como propulsor a figura não marxista de Jose Martí. Fidel Castro o considera como o autor intelectual da Revolução Cubana; Haydée Santa Maria, revolucionária cubana dizia que "somos marxistas e martinianos e não há nenhuma contradição nisto".

Julio Antonio Mella, fundador do Partido Comunista Cubano, que, como Mariátegui também sofreu a execração da Internacional e acabou assassinado no México por ordem do ditador Gerardo Machado, propunha que se fizesse um sério estudo a respeito de José Martí, desvinculando sua obra e trajetória histórica dos interesses da burgue-

sia cubana. Martí, sem usar as categorias marxistas lutou contra o reformismo, o apoliticismo, o espontaneísmo e o voluntarismo. Martí não viu apenas o novo imperialismo, mas também a necessidade de uma luta de libertação que colocou problemas de aliança, unidade, partido e povo trabalhador. Sua preocupação, é verdade, não era a luta de classes, mas uma luta antiimperialista. A proximidade de Martí com o marxismo está, além de seus ideais populares e libertários, no companherismo com Carlos Baliño, que com ele fundou o Partido Revolucionário Cubano, em 1892. Baliño era dotado de uma sólida cultura marxista, tendo fundado, em 1903 o Clube de Propaganda Socialista; em 1905 o Partido Socialista de Cuba e, em 1925, com Mella, o Partido Comunista. Participou da revolução da independência com Martí, procurando a unidade na luta, mas afirmava: "é claro que devemos estar com as massas quando se rebelam contra uma escravidão patente, para logo depois termos o direito de excitá-las para que se rebelem conosco contra uma escravidão dissimulada".

Paradoxalmente, o México, que fez a maior revolução popular vitoriosa no continente americano, neste século, não teve como respaldo um ideário marxista. A Revolução Mexicana de 1910-17 foi antioligárquica e anticlerical. Os revolucionários mexicanos, que tinham suas grandes lideranças no campo, como Emiliano Zapata e Pancho Villa mantiveram uma luta com base no anarquismo, trabalhismo e antilatifundismo. Só a partir da década de 20, as categorias marxistas começaram a difundir-se num movimento comunista ainda incipiente, o que se revela na atual fragilidade do Partido Comunista Mexicano.

O marxismo no Brasil, no final do século XIX encontrou um arcabouço ideológico anarquista e anarco-sindicalista, em decorrência da ação dos imigrantes europeus, principalmente, espanhóis e italianos. Do lado da intelectualidade, o marxismo foi visto como o grande farol de uma nova Civilização. Não havia clareza quanto às categorias de Marx e havia uma mescla de marxismo com positivismo, sob a égide da noção de Progresso. Consta que dos primeiros divulgadores do marxismo no Brasil foi o Dr. Silvério Fontes. Em 1890, Silvério Fontes fundou em Santos um círculo de estudos de tendência socialista; em 1902 participou da organização de um partido socialista limitado a São Paulo. Em 1895 publicou uma revista chamada *A questão social*, na

qual exaltava a figura e as idéias de Marx. A principal obra de Silvério Fontes foi o Manifesto socialista, publicado em 1902, no jornal O Estado de São Paulo. Nele, critica a classe burguesa que fez ouvidos de surdo ante o clamor dos miseráveis e oprimidos. Recomenda a estes que adotem o melhor caminho para realizar seu ideal de liberdade econômica, sem as conotações subversivas que se fazem sentir em outras regiões políticas. Postula, ainda, a necessidade de se travar uma luta autônoma diante dos partidos da burguesia e apela a todos, independente de raça, credo, sexo, condição social, que lutem a favor do socialismo.

Outros pioneiros foram Tobias Barreto, que em 1887, nos seus *Estudos Alemães* colocou Marx como "o mais corajoso pensador do século XIX no campo da ciência econômica" e Euclides da Cunha que, no seu livro de 1904, *Contrastes e confrontos*, falando dos famintos e indigentes, escreveu uma página notável sobre o marxismo e seu papel na história da sociedade humana.

Neste século, o mais consistente teórico marxista brasileiro foi Caio Prado Jr. Intelectual brilhante, vindo de uma das famílias mais tradicionais do país, Caio Prado arcou com o ônus de sua opção. Membro do Partido Comunista Brasileiro, desde a sua juventude, foi perseguido, preso e teve seu sonho de ocupar uma cátedra na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo, duas vezes frustrado.

Do ponto de vista teórico, Caio Prado representou, no Brasil, o que Mariátegui representou no Peru. Procurou aplicar as categorias marxistas para explicar a evolução histórica-social brasileira. Sua obra de 1945, *História Econômica do Brasil* é o exemplo mais evidente desta linha de análise. Como ocorreu com Mariátegui, Caio Prado Jr. também entrou em choque com as concepções vigentes nas lideranças comunistas de época. Referindo-se às posições oficiais do Partido, em face da análise da sociedade brasileira e dos rumos da revolução socialista, escreve:

"Essa falta de perspectivas sobre a realidade brasileira, derivada de posições teóricas decalcadas em modelos estranhos que não se apli-

cam à situação do nosso país, bem como a danosas conseqüências práticas e de ordem política que daí provêm, se verificam em outras concepções da consagrada teoria da revolução brasileira. Verifica-se, particularmente, quando se procura traduzir em termos político-sociais o seu esquema da revolução antifeudal e antiimperialista. Senão, vejamos, à luz desse esquema, tal como ele se propõe nos países em que, efetivamente, se aplica ou aplicou, e onde se inspira, que são como vimos, a Rússia czarista e os países asiáticos. Observa-se uma linha divisória específica entre as seguintes classes e categorias sociais distintas de cuja posição respectiva e relações econômicas e políticas resultam algumas das principais tensões e impulsos revolucionários: os **latifundiários** réplica no Brasil dos senhores feudais da Rússia czarista ou dos países asiáticos; uma **burguesia retrógrada**, ligada a tais latifundiários, e aliados, com estes últimos, ao imperialismo; e, finalmente, um **setor progressista da burguesia** e eventual aliado do campesinato e do operariado na revolução democrático-burguesa, a chamada "**burguesia nacional**"... Essa composição social e distribuição de forças no esquema da "**revolução democrático-burguesa de conteúdo antifeudal e antiimperialista**" não tem na realidade brasileira,...., reflexo algum." (Prado Jr., RB,II, 104, 105).

A ação daqueles que dedicaram o melhor de sua inteligência e, em não poucas situações, suas vidas para que os ideais marxistas se enraizassem, mostra que o marxismo vai muito além da figura de Marx; representa um anseio da humanidade para o estabelecimento de uma ordem social mais justa onde, como o próprio Marx dizia "o homem deixará de sofrer como animal para começar a sofrer como homem".

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, Robert J.. O Comunismo e os Partidos de Reforma Social Nativos na América Latina, in Kirckpatrick, Jeanne, *A Estratégia da Traição*. Rio de Janeiro, GRD, 1964.
- ARICÓ, J. O Marxismo Latino-Americano nos Anos da Terceira Internacional, in Hobsbaum, T. J., *História do Marxismo*. vol. 8. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

- CASANOVA, P. G. Os Pioneiros do Marxismo na América Latina. *Ensaio*, 15/16. São Paulo, 1986.
- CHILCOTE, R.H. *Partido Comunista Brasileiro: Conflito e Integração. 1922/72*. São Paulo, Graal, 1982.
- ESCÁRZAGA, F. *Los Siete Ensayos de Interpretacion de La Realidad Peruana, de Jose Carlos Mariátegui*.
- COUTINHO, C. N. e NOGUEIRA, Marco Aurélio (orgs.) *Gramsci e a América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- PRADO JR., Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1974.
- PRADO JR., Caio. *A Revolução Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1966.
- RAMA, Carlos M. *Historia del Movimiento Obrero y Social Latino-Americano*. Barcelona, Laia, 1976.